

Duque de Caxias: o Pacificador e Patrono do Exército Brasileiro *

Luís Alves de Lima e Silva - o Duque de Caxias - nasceu em 25 de agosto de 1803, oriundo de uma tradicional família de militares luso-brasileiros. Guerreiro, diplomata e político, foi a simbiose perfeita de estadista e soldado. Habitado aos sacrifícios silenciosos, expressou, ao longo de sua vida, o mais puro sentimento de brasilidade. Sua firmeza, ordem e dedicação à Pátria o fazem símbolo eterno de unidade e paz. É a síntese dos valores, virtudes e tradições cultuadas pelo Exército Brasileiro.

Sua brilhante trajetória militar tem início aos 5 anos de idade, conforme o costume da época, assentando praça como cadete de 1ª classe, em 22 de novembro de 1808. A ascensão ao mais alto posto da carreira, o de Marechal do Exército, se dá em 1866, resultado natural de uma existência dedicada integralmente ao serviço da Pátria e de amor incondicional ao Brasil. Ao longo de sua vida, Luís Alves também desempenhou elevados cargos no primeiro escalão da administração pública do País, havendo sido Ministro da Guerra em três diferentes ocasiões, Conselheiro de Guerra do Imperador e Presidente do Gabinete Ministerial duas vezes. Sua bravura em combate, aliada à rara inteligência e refinado senso de justiça e humanidade, contribuíram para a solução efetiva dos mais variados problemas, de ordem nacional ou internacional.

Caxias é conhecido como “O Pacificador”, sobretudo em razão do seu trabalho na manutenção da ordem interna e da unidade nacional. Em 1823, marchou para a província da Bahia, onde estreou em combate derrotando as tropas portuguesas que se opunham à Independência do Brasil. Sua habilidade militar, espírito conciliador e magnânimo sentimento para anistiar os dissidentes foram essenciais na solução de diferentes rebeliões internas. Assim ocorreu na Balaiada, no Maranhão, em 1841, e nas revoltas de São Paulo e Minas Gerais, em 1842, bem como na Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, no ano de 1845, após quase dez anos de lutas fratricidas.

No cenário internacional, defendeu os mais elevados interesses da Nação. Durante a Guerra Cisplatina, entre 1825 e 1828, deu claras evidências de coragem e determinação. Em 1851 e 1852, comandou as tropas que libertaram o Uruguai e a Argentina da opressão dos caudilhos sanguinários Oribe e Rosas, trazendo paz e estabilidade à região do Prata. Sua liderança à frente das tropas brasileiras, uruguaias e argentinas na Guerra da Tríplice Aliança, contra o governo ditatorial de Solano López, do Paraguai, foi fundamental para a vitória final, selando a paz na América do Sul que dura até os dias atuais.

Na Guerra da Tríplice Aliança, em particular, Caxias protagonizou ações do mais puro gênio militar, fazendo o impossível. Usou de forma inédita no continente sul-americano balões de observação, essenciais para o reconhecimento do campo de batalha, o que lhe permitiu planejar e conduzir a primeira manobra de flanco dos aliados. Como resultado, houve a tomada da então inexpugnável fortaleza de Humaitá, ponto chave na estrutura defensiva paraguaia. Posteriormente, ordenou a construção da épica estrada do Chaco, com impressionantes 11 km de extensão, atravessando terreno pantanoso

julgado inicialmente intransponível. Essa manobra surpreendeu estrategicamente Solano López e envolveu suas tropas, viabilizando a execução de segunda manobra de flanco dos exércitos aliados. Naquela oportunidade, as forças sob o comando de Caxias obtiveram as importantes vitórias de Avaí, Itororó, Angustura, Piquiciri e Lomas Valentinas (a chamada Dezembroada), que aniquilaram o exército paraguaio e destruíram sua capacidade de prosseguir combatendo como força regular.

Nesse contexto, como não lembrar o seu gesto magistral na transposição da ponte de Itororó? Ao perceber que o êxito da batalha estava ameaçado, Caxias, o sexagenário comandante das forças aliadas de terra e mar, sacou sua espada invicta e bradou a antológica frase: “Sigam-me os que forem brasileiros!”. O eletrizante chamado exortou a tropa, motivou as legiões e liderou pelo exemplo os soldados de todos os postos e graduações, impelindo-os a mais uma acachapante vitória sobre os paraguaios.

Os feitos extraordinários de Luís Alves de Lima e Silva em prol da estabilidade e da integridade nacional fizeram com que D. Pedro II, então Imperador do Brasil, lhe concedesse sucessivos títulos nobiliárquicos. Assim, a pacificação da Balaiada o fez Barão de Caxias. A elevação a Conde ocorreu com o término da Revolução Farroupilha. A vitória sobre Oribe e Rosas o tornou Marquês. Por fim, seu papel determinante no desfecho da Guerra da Tríplice Aliança o conduziu à posição de Duque, o mais alto título outorgado a um cidadão não pertencente à linhagem real. Caxias foi o único a recebê-lo em toda a história do País.

Em 7 de maio de 1880, morre Luís Alves de Lima e Silva. Em 1923, com o propósito de comemorar os 120 anos do seu nascimento, foi instituída a “festa de Caxias”, a ser celebrada em cada 25 de agosto. Dois anos depois, em 1925, essa data foi oficializada como o Dia do Exército. Por meio de decreto presidencial de 1962, Caxias foi escolhido o Patrono do Exército Brasileiro.

Desde o seu falecimento, a lembrança do herói é parte do cotidiano do povo brasileiro. Há praças e escolas com o seu nome, monumentos em sua homenagem, bem como selos, moedas e cédulas que carregam a sua imagem. O município de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, foi assim batizado em sua memória. No âmbito do Exército, criou-se a Medalha do Pacificador e o espadim do cadete como réplica fiel de seu sabre invencível. A designação histórica do Batalhão da Guarda Presidencial como “Batalhão Duque de Caxias” e da icônica sede do antigo Ministério da Guerra, “Palácio Duque de Caxias”, na capital fluminense, expressam a gratidão da Instituição ao primeiro dos seus generais.

O ano de 2025 marca os 80 anos das vitórias da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na 2ª Guerra Mundial. Nos campos de batalha da Itália, nossos pracinhas combateram o nazifascismo ao lado dos Aliados, em defesa da liberdade e da democracia, escrevendo com sangue e sacrifício páginas de glória da história nacional. Por tudo o que fizeram e representam para o País, serão heróis sempre lembrados. Se, por um lado, o exemplo dos bravos expedicionários enche de orgulho a Nação, por outro, o Exército Brasileiro deve ao Duque de Caxias a consolidação dos seus mais sólidos e perenes alicerces.

Antes de morrer, Caxias faz seu último pedido: queria ser enterrado somente com suas condecorações de combate e ter seu caixão conduzido por seis soldados dos mais destacados entre seus pares. Ao dispensar também as Honras Fúnebres, o humilde e magnânimo soldado deixa à posteridade sua derradeira lição: a força das armas, que tantas vezes lhe rendeu a vitória, agora nada poderia fazer diante da inexorável marcha da morte. Religioso e exemplo no lar, soube valorizar e dignificar a Família Militar.

Portanto, ao cultuar o Patrono do Exército, exalta-se igualmente toda a Instituição. Particularmente em 2025, ao reverenciá-lo, rememoramos também os milhares de homens e mulheres que integraram a FEB. Luís Alves de Lima e Silva foi, definitivamente, um grandioso cidadão e o maior de todos os soldados.

Salve, os 222 anos do nascimento do Duque de Caxias! Viva os 80 anos das vitórias da FEB!

*** Autores:**

Coronel ANDRÉ LUIZ DE SOUZA DIAS



Formado em 1996 na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), é oficial de Infantaria, integrante do Quadro de Estado-Maior da Ativa e atualmente servindo como Chefe de Gabinete da Secretaria-Geral do Exército, em Brasília-DF. Comandou a Companhia de Comando da 6ª Brigada de Infantaria Blindada e o 29º Batalhão de Infantaria Blindado. Realizou o Curso de Estado-Maior das Forças Armadas na Espanha e o de Altos Estudos Nacionais na Bolívia. Possui os Mestrados Acadêmicos em Operações Militares e em Ciências Militares, ambos no Brasil, em Política de Defesa e Segurança Internacional, na Espanha, e em Segurança, Defesa e Desenvolvimento, na Bolívia. Faz parte da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB) – Centro Cultural Casa da FEB desde Capitão e é membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHM).



Segundo-Tenente MARCOS DUARTE DE OLIVEIRA

Sargento de Infantaria da Turma de 1997, é oficial do Quadro Auxiliar. Atualmente serve na Secretaria-Geral do Exército, onde exerce a função de Adjunto do Chefe do Gabinete. Atuou como Auxiliar do Oficial de Ligação junto ao Exército Argentino, na cidade de Buenos Aires. Possui os cursos de Aperfeiçoamento de Sargentos, Habilitação para o Quadro Auxiliar de Oficiais, Operações na Selva e Perícia Criminal. No exterior, realizou o Curso de Sargento-Maior de Comando na República da Colômbia. Participou de missões de paz da ONU no Haiti (MINUSTAH) e no Líbano (UNIFIL). É graduado em Administração de Empresas e pós-graduado em Gestão de Projetos e em *Value Investing*.